

**Universidade Aberta do Brasil**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Geografia - GEA**  
**Professora: Gladis Lucia Maddalozzo**  
**Professora Supervisora: Drnda: Marizângela Bortolo**  
**Tutor orientador: Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho**  
**Tutora presencial: Maria de Fátima Inácio**  
**Matrícula: 09/0059123**

**FRANCISCA EZILDA DA SILVA RODRIGUES**

**GAUCHOS EM POSSE-GO: IDENTIDADE CULTURAL E REDEFINIÇÃO DA  
CULTURA GOIANA**

**POSSE - GO**  
**OUTUBRO/2013**

**FRANCISCA EZILDA DA SILVA RODRIGUES**

**GAUCHOS EM POSSE-GO: IDENTIDADE CULTURAL E REDEFINIÇÃO DA  
CULTURA GOIANA**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada no Curso de Geografia pela Universidade de Brasília.

POSSE/GO  
OUTUBRO/2013

Banca Examinadora

---

**Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho**

**Orientador**

---

**Doutoranda Karla Christina Batista França**

**Examinadora**

---

**Dr<sup>a</sup>. Selma Lúcia de Moura Gonzáles**

**Examinadora**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao nosso **DEUS** por me ter concedido mais esta vitória, ao longo deste caminho árduo e prazeroso. Por me ter dado a oportunidade de ampliar meus conhecimentos e colocar em prática todo aprendizado adquirido. Agradeço especialmente minha mãe **Dona Chiquinha** e meus filhos **Caio Rodrigo, Erisson Lucas, Ana Carolina e Erica Cristina** pelo incentivo durante essa jornada.

RODRIGUES, Francisca Ezilda da Silva.

**GAUCHOS EM POSSE-GO: IDENTIDADE CULTURAL E  
REDEFINIÇÃO DA CULTURA GOIANA**

Francisca Ezilda da Silva Rodrigues– Posse, GO.

Monografia (licenciatura) – Universidade de Brasília,  
Departamento de Geografia - EaD, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

## RESUMO

O território brasileiro se formou a partir da migração de nacionais e de estrangeiros que ao longo dos anos não cessou, num processo contínuo de ocupação e re-ocupação de áreas. Desde os primeiros portugueses que desembarcaram nessas terras até os nossos dias, uma das características que define a construção dessa nação é o fato dela servir como estoque de mão-de-obra para atender os sucessivos ciclos econômicos pelos qual o país passou. O Sul do Brasil foi considerado até a década de 70 como uma macrorregião onde a situação social no espaço rural apresentava - de uma maneira geral - uma base relativamente propícia para um desenvolvimento regional viável. Este cenário continua sendo relevante em partes do Sul em comparação a outras regiões do Brasil. Porém, por causa de critérios sócio espaciais, econômicos e ecológicos como também por razão de sua diferenciação regional, é necessário um estudo para analisar a influência e a contribuição desta corrente migratória na Região Centro Oeste, principalmente na cidade de Posse e arredores, contribuindo assim, para o Ensino da História Local. Com a migração sulista a paisagem agrícola no Centro Oeste adquire novas dimensões e novos contornos, na medida em que os espaços de uso produtivo escolhidos por integrantes dessa corrente não são os mesmos das populações locais. As mudanças ocorridas na paisagem, cultura e manejo na agricultura local têm influência nessa corrente sulista, nesse sentido, é importante conhecer como aconteceu essa migração ao Centro Oeste, na cidade de Posse-GO e suas conseqüências.

Palavras-chave: Formação do Território brasileiro, Migração Sulista, Os Sulistas de Posse.

## ABSTRACT

The Brazilian territory is formed from the migration of nationals and foreigners who over the years has continued , in a continuous process of occupation and re - occupation of areas . Since the first Portuguese who landed on these lands until today , one of the defining aspects of building this nation is the fact that it serves as a stock of skilled labor to meet the successive cycles by which the country has passed . The South of Brazil was considered until the 70s as a macro-region where the social situation in rural areas had - in general - a base relatively conducive to regional development feasible . This scenario remains relevant parts of the South compared to other regions of Brazil . However , because of spatial criteria socio , economic and ecological as well as by reason of their regional differentiation requires a study to analyze the influence and contribution of this migratory movement in the Midwest , primarily in the city of Possession and surroundings, thus contributing for the Teaching of Local History . With the migration to southern agricultural landscape in the Midwest acquires new dimensions and new contours to the extent that the productive use spaces chosen by members of this current are not the same local populations . The changes in the landscape, culture and management in local agriculture has influence on this current Southerner , in this sense , it is important to know how this happened migration to the Midwest , the city of Posse -GO and its consequences .

Keywords : Formation of Brazilian territory , Southern Migration , The Southerners Tenure

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	10
CAPÍTULO I - BRASIL: UMA TERRA DE IMIGRANTES E MIGRAÇÕES	10
1.1. Início da imigração no Brasil -----	12
1.2 O fenômeno migratório no Brasil-----	14
CAPÍTULO II - OS MIGRANTES SULISTAS NO CENTRO OESTE-----	17
2.1. A corrente migratória sulista-----	17
2.2. Processo de transferência da migração sulista-----	18
2.3. A migração sulista e a transformação dos espaços agrícolas-----	19
CAPÍTULO III - OS SULISTAS EM POSSE/GOIÁS-----	23
3.1 – Histórico de Posse-----	23
3.2. Os sulistas no município de Posse.-----	24
3.3. Representantes sulistas em Posse.-----	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	32
ANEXOS-----	34

## LISTA DE FOTOS

Figura 1: mapa do município de Posse-----	23
Figura 2: foto do senhor Clarindo e esposa-----	26
Figura 3: foto da professora Loira e família-----	27
Figura 4: foto do senhor Alvori e esposa-----	28
Figura 5: foto do senhor Amaro e família-----	29
Figura 6: foto do senhor Anderson-----	30
Figura 7: CTG/Posse/GO-----	31
Figura 8: Grupo de músicos sulistas-----	32
Figura 9: primeira comissão do CTG 100 Fronteiras-----	32

## INTRODUÇÃO

Os processos migratórios costumam representar importantes fenômenos, que podem ou não ser imediatamente perceptíveis ao contexto social do indivíduo. Os grandes deslocamentos humanos são sucedidos por mudanças importantes, seja no ponto de vista político ou econômico.

Atualmente esses movimentos são desencadeados por questões ligadas ao desenvolvimento econômico, onde grupos humanos passam a se movimentar em torno da busca por melhorias na qualidade de vida, condições de trabalho e moradia, entre outros.

A consolidação de um novo modelo de produção agrícola observado no Brasil a partir da década de 70 culminou em importantes processos migratórios impulsionados por essa atividade econômica. O destino dos produtores agrícolas vindos da região Sul do Brasil foi sobre tudo áreas da região Centro – Oeste, em função do baixo custo das mesmas.

A cidade de Posse, divisa com o oeste baiano também serviu de polo de atração para esses produtores, uma vez que foram adquiridas propriedades ao longo da BR 020, numa área que se configura no eixo de ligação Goiás/Bahia.

É possível afirmar que com a chegada dos migrantes sulistas, houve relevantes mudanças na cultura goiana regional, como a implantação de novos hábitos sejam eles alimentares, modo de falar e a transformação espacial da cidade de Posse GO.

Sendo assim, há mais de vinte anos, essa região que, do ponto de vista natural corresponde aos Gerais, vem atraindo sulistas para o nosso município, e que transformaram o Oeste Baiano em uma nova fronteira agrícola, e Posse como é a cidade mais próxima das Campinas (Fazendas), tornou-se a cidade polo atrativo para a fixação de suas residências, pois a produtividade e as terras baratas atraíram agricultores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul desde 1980, e com isso, a população de Posse GO cresce a olhos vistos, onde ocorreu à miscigenação de possenses e sulinos, e conseqüentemente a miscigenação cultural local.

Conforme relatos dos próprios migrantes, a chegada dos mesmos deu-se na década 80, a partir do ano de 1982, eles vieram em busca trabalho, sendo que a maioria já chegou aqui com emprego garantido, vindos do Sul, em busca de melhorias e trabalho, o Centro-Oeste, era só promessa de prosperidade. Porém sofreram e tiveram que adaptar-se a sua nova realidade, persistiram e venceram as dificuldades, uns se tornaram grandes agricultores, outros excelentes administradores, e outros grandes profissionais, cada um na sua função, e

assim pretendo mostrar as mudanças ocorridas em suas vidas e na cidade de Posse, em relação a sua cultura, hábitos alimentares e também na edificação das suas construções.

Esse processo migratório trouxe um grande desenvolvimento econômico à região, haja vista instalações de uma rede de comércio ligada ao fornecimento de subsídios a produção agrícola, trouxe ainda um interessante processo de aculturação que será discutido por meio deste trabalho.

Este trabalho tem como objetivo, apresentar o processo migratório dos sulistas, em especial os gaúchos, bem como as transformações e a influência dos mesmos em Posse. Cabe ainda ressaltar que a metodologia para a construção do último capítulo foi pautada através da prática da oralidade, conversas com moradores possenses e migrantes sulistas.

## CAPÍTULO I

### BRASIL: UMA TERRA DE IMIGRANTES E MIGRAÇÕES

#### 1.1- INÍCIO DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Quando nos referimos ao conjunto da população de um país deve-se considerar não apenas as mudanças pelas mortes e nascimentos de seus habitantes. Mais do que isso, é necessário se levar em conta os movimentos de entrada e de saída dos indivíduos, ou seja, as migrações que ocorrem na extensão do território.

Migrações internas são aquelas que acontecem no interior de um país como por exemplo êxodo rural, o que depois da industrialização se tornou comum no Brasil.

Quando se faz uma análise da história do povo brasileiro, pode-se afirmar que é fundamentada em cima de uma história de migrações, principalmente pela mudança dos ciclos econômicos que sempre modificou-se de região e produto e de uma economia planejada não atendendo necessariamente as necessidades da população.

O início da migração no Brasil é marcada aproximadamente no ano de 1530, quando os portugueses vieram para cá não apenas para explorar as matas e sim, para dar início ao plantio de cana-de-açúcar. Porém, a imigração começou a intensificar-se com a chegada dos primeiros imigrantes vindos de países diferentes de Portugal, vindos ao Brasil durante a regência de D. João VI. O Brasil sempre teve um enorme território e para o desenvolvimento das plantações de café, a imigração teve uma grande importância para o desenvolvimento econômico e cultural do país, no século XIX.

Uma grande característica que pode ser aplicada na migração passada assim como atualmente é a busca por oportunidades em terra nova, já naquela época começaram a vir para cá os suíços, que se instalaram no Rio de Janeiro, os alemães, que foram para o Rio Grande do Sul, os eslavos, oriundos da Ucrânia e Polônia, habitando o Paraná, os turcos e os árabes, que se instalaram na Amazônia, os italianos e os japoneses que em sua grande maioria se instalaram em São Paulo. Porém, o maior número de imigrantes no Brasil são os portugueses, vindos em grande número desde o período da Independência do Brasil.

Com a libertação dos escravos o governo brasileiro foi obrigado a incentivar a entrada de imigrantes europeus em nosso território. Devido a necessidade de trabalhadores qualificados para substituir os escravos, milhares de italianos e alemães chegaram para trabalhar

basicamente nas fazendas de café do interior de São Paulo, nas indústrias que surgiam e na zona rural do sul do país.

A maioria dos imigrantes que chegavam aqui, procuravam os empregos nas fazendas de café do oeste paulista. A grande maioria, acostumados com trabalho autônomo em seu país de origem, fixaram-se no território brasileiro com os mais variados ramos de negócio, como por exemplo, o ramo cafeeiro, as atividades artesanais, a policultura, a atividade madeireira, a produção de borracha, a vinicultura, etc.

O movimento imigratório foi fundamental para a formação da cultura brasileira, que no decorrer do tempo incorporou características do restante do mundo, principalmente europeu e africano. Quando se analisa as influências trazidas pelos imigrantes, teremos um grande leque de resultados: o idioma português, a culinária italiana, as técnicas agrícolas alemãs, as batidas musicais africanas e muito mais.

As migrações no território brasileiro estão ligadas a fatores econômicos, desde a época da colonização pelos europeus. Logo após o término do ciclo da cana-de-açúcar que ocorreu na região Nordeste iniciou-se o ciclo do ouro, desta vez em Minas Gerais, momento em que houve novamente um enorme deslocamento de pessoas rumo ao novo centro econômico do país. Devido o ciclo do café e logo depois com o processo de industrialização, a região Sudeste pôde se tornar efetivamente o grande pólo de atração de migrantes, que saíam de sua região de origem em busca de empregos e melhores salários.

Nesta época iniciou-se o processo de êxodo rural que ocorreu no Brasil, marcado pela migração do campo para a cidade, em grande escala. Muitos motivos fizeram com que isso acontecesse como a miséria e a pobreza agravadas pela falta de infraestrutura, pela concentração de terras nas mãos dos grandes produtores e pela mecanização das atividades agrárias, fazendo com que a grande população que vivia no campo foi atrás de um emprego urbano, esperando melhorar seu padrão de vida.

Ao analisar o processo migratório, encontram-se muitos autores que falam que a história das migrações no Brasil está ligada a história da própria nação, pois se acredita que os primeiros povoados da América aconteceram há milênios atrás, por povos oriundos do norte da Ásia, através do estreito de Bering. As mais novas teorias, falam que o território sul-americano teria sido atingido também por grupos que navegaram através do Oceano Pacífico vindos da Austrália, Malásia e Polinésia. Então, após longos anos o território brasileiro foi povoado por povos com línguas, tradições culturais e religiões diferentes. Muitos deles, conhecidos como tupis-guaranis migravam constantemente em busca da chamada terra sem males.

Porém, com a vinda dos europeus ao Brasil, os motivos pelos quais as migrações aconteciam, tiveram rumo diferente, pois os deslocamentos começaram a servir como fuga da escravidão, do genocídio, das doenças, da negação das próprias culturas e religiões. Infelizmente, quem sobrevivia dessas fugas perdia o direito de ir e vir e eram condenados ao trabalho forçado, o que alimentava o sistema colonial.

Porém, os europeus não conseguiram dobrar a resistência desses povos, e muitos foram extintos. Atualmente esses povos “ressurgidos” organizam-se para reivindicar os próprios direitos, a partir de utopias alimentadas pela memória da resistência.

A luta pela demarcação e garantia das terras, a autodeterminação, a plena cidadania, a educação bilíngüe, o respeito pela diversidade cultural e religiosa são formas para reapropriar-se de sua história e de sua identidade, e de uma nova forma de migração.

## 1.2. O FENÔMENO MIGRATÓRIO NO BRASIL

A mobilidade humana é um fenômeno grandioso e complexo. Atinge numerosos indivíduos que pertencem a uma pluralidade de classes, etnias, culturas e religiões. Várias são as causas bem como as motivações que levam aos deslocamentos da população no Brasil, tendo diferentes conseqüências, dependendo dos diferentes contextos sócio-culturais e da singularidade de cada população.

Porém, as migrações representam em si um fenômeno basicamente positivo. Além do direito de todo ser humano de ir e vir, as funções sociais e econômicas dos deslocamentos, a melhoria de vida bem como a fuga de situações de opressão ou de catástrofes ecológicas, geralmente as novas oportunidades abertas e o enriquecimento cultural decorrente do encontro entre diferentes povos, culturas e religiões, favorecem o crescimento do país.

Porém, muitas vezes essas migrações escondem aspectos negativos ou conflitos, como a expulsão do lugar de residência, o desenraizamento cultural, a desestruturação identitária e religiosa, a exclusão social, a rejeição e a dificuldade de inserção no lugar de chegada. Hoje, em geral, a migração não é conseqüência de uma escolha livre, mas tem uma raiz claramente compulsória.

A maioria dos migrantes é levada a abandonar suas terras ou mesmo o próprio bairro, atrás de melhores condições de vida e fugindo de situações de violência estrutural e doméstica.

Na atual conjuntura, os migrantes se transformaram em verdadeiros sobrantes, massa que é explorada quando interessa ao interesse de alguns bem como mão de obra dos países ou

regiões desenvolvidas. No sistema econômico em que nosso país se encontra, o qual concentra as riquezas nas mãos de poucos, cria barreiras para excluir os pobres. Vista dessa maneira, a migração vem representar a busca, por parte dos excluídos, a busca por algo que permita o acesso pelo menos parcial a alguns dos benefícios produzidos pelo sistema.

Atualmente em vários contextos o migrante tornou-se erroneamente o principal culpado pelos problemas que afetam nossas comunidades, como a violência e o desemprego. Na verdade essa culpa tenta esconder os problemas estruturais vindos da exclusão social bem como colocar no próprio migrante um sentimento de frustração, fracasso, inferioridade acaba por inibir seu potencial de resistência e reivindicação.

O Brasil foi e sempre será um país de migrantes. É bastante comum encontrar nas nossas comunidades, no trabalho, entre os colegas de aula ou na parada de ônibus pessoas provenientes de outras cidades, outros estados e até mesmo de diferentes países. Às vezes, quem migrou foram os pais, os avós ou bisavós. No fundo, se analisarmos nossas origens históricas, somos todos migrantes ou descendentes de migrantes.

Esse cenário da migração pode ser comprovado através da experiência do dia-a-dia, é o retrato de uma nação de grande mobilidade humana. Mulheres, homens, enfim, famílias inteiras de trabalhadores com e sem emprego atravessam o país em busca de uma vida melhor, na maioria das vezes de situações difíceis em que se encontram, outras vezes atrás de sonho, de uma terra prometida.

O fenômeno migratório no Brasil nunca parou, está cada vez mais intenso. A população brasileira parece viver num estado crônico de mobilidade que absorve características específicas dependendo do tempo e do lugar onde se processa.

Nos anos trinta, por exemplo, as migrações internas normalmente seguiam duas vertentes: se deslocavam para as novas fronteiras agrícolas e para o sudeste. O abandono do campo assumiu progressivamente proporções sempre mais significativas. Em 1920, somente 10% da população brasileira viviam nas cidades, porém, após cinquenta anos, em meados de 1970, esse número já chegava a 55,9%. Hoje, de acordo com os dados do último censo, esse número é alarmante, pois residem na zona urbana cerca de 81,22% da população em todo o país. Devido a falta de estruturação necessária para manter-se como produtor, calcula-se que aproximadamente 40 milhões de pessoas abandonaram as zonas rurais, tornando o Brasil um país predominantemente urbano.

Pode-se ressaltar que essa migração para a zona urbana deve-se na maioria dos casos, em consequência de uma péssima política agrária que acabou fechando a fronteira agrícola, através da modernização do trabalho do campo concentrando a posse da terra.

Os últimos resultados sobre a mobilidade humana no Brasil apontam hoje para migrações de curta distância (inter-regionais), ou seja, de uma cidade para outra, e dos fluxos urbano-urbano e intra-metropolitanos, para o interior das áreas metropolitanas procurando melhores trabalho bem como melhores condições de vida.

O êxodo rural é claro, continua presente, porém adquire dimensões diferentes, pois muitos estão voltando, principalmente em relação à região nordestina.

## CAPÍTULO II

### OS MIGRANTES SULISTAS NO CENTRO OESTE

#### 2.1. A corrente migratória sulista

Durante todo o século XX as corrente migratórias sulistas procura ocupar novas áreas, na grande maioria, aquelas de produção agrícola, principalmente rumo às terras mais ao norte. Em meados de 70, porém, essa migração se intensifica com os projetos de colonização na época, principalmente na Amazônia Legal.

Esses novos projetos para as terras no Brasil são diferentes daquele do século anterior, através da utilização de trabalhadores nascidos no País, principalmente dos sulistas descendentes de imigrantes estrangeiros. Porém, a escolha de um grupo para comandar a ocupação das terras do que estava planejado para ser a nova fronteira agrícola e reforçar um modelo econômico que seria sustentado na produção de uma agricultura de exportação não foi aleatório.

Esse modelo se tornaria viável adotando os seguintes conjuntos de diretrizes em articulação:

- Incorporação de novas áreas, a serem ocupadas mantendo o sentido de produzir para o mercado externo;
- Concentração da propriedade da terra nas antigas áreas de ocupação, na própria região Sul do Brasil, para começar por lá o processo de modernização agropecuária.

Para acontecer essa incorporação de novas áreas do primeiro conjunto de diretrizes seria necessário destinar áreas do Brasil para um novo uso capitalista. Assim, escolhidas áreas de ecossistemas ainda intactos, como o cerrado e a floresta amazônica. Já o segundo conjunto, era necessário juntamente com essa nova área agrícola, à reestruturação do espaço de produção da região Sul, atendendo assim uma nascente agricultura modernizada. Começara então os latifúndios, propriedades maiores que garantissem a produção em larga escala.

## 2.2. PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DA MIGRAÇÃO SULISTA

Para a transferência dos colonos sulistas foram utilizados vários mecanismos que tinham por objetivos esvaziar as terras pertencentes a camponeses nos Estados Sulistas, especialmente no Rio Grande do Sul.

A grande meta era formar, a partir daquele Estado, propriedades destinadas à prática da agricultura de mercado bem como formar exército de mão-de-obra que estivesse disposta a migrar para uma outra região distante da sua. Para isso, nos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek teve as políticas de colonização, porém nos governos militares que se implementou os projetos mais ambiciosos nessa direção.

Segundo Santos, essas políticas visavam:

- Estimular o pequeno produtor do Sul a vender sua propriedade ao vizinho;
- Oficializar um discurso voltado à população sulista com o intuito de convencê-la das vantagens em migrar para uma área de colonização;
- Fundar cooperativas agrícolas para comandar o processo de transferência de colonos de uma região para outra;
- Possibilitar, nas áreas de colonização, acesso a terras baratas, a créditos agrícolas bancários e a financiamentos facilitados para aquisição de lotes agrícolas e terrenos para residências nas agrovilas.

Pretendia-se também difundir um novo modelo de agricultor que se esperava para o País, por isso era preciso escolher um grupo social e formar a partir desse um novo modelo de produtor o qual pudesse representar a face da desejada agricultura moderna.

Esse novo agricultor era o do colono sulista, pois ele melhor representava o perfil procurado. A construção dessa imagem foi muito importante para a implantação do modelo, pois era preciso que esse modelo tivesse:

- Com vistas à produção em larga escala para exportação;
- Não poderia ocorrer com trabalhadores com forte enraizamento da cultura camponesa, mas com um agricultor que transmitisse a idéia de moderno, sintonizado com as novas técnicas agrícolas.

Pensando na construção da representação do agricultor que se esperava para conduzir a modernização da agricultura brasileira, SANTOS (op.cit. 197) nos revela:

Entretanto, a seleção social e a seleção regional da clientela dos programas [de colonização] foram consolidadas por uma representação social particular. Trata-se da categoria do 'colono modelo': é o agricultor que, supostamente, tem mais

instrução, mais acesso às modernas técnicas agrícolas, mais utilização de insumos agrícolas industrializados, mais recurso ao crédito agrícola e que devia ser associado a cooperativas e aceitar os conselhos dos técnicos agrícolas.

Esse projeto finalmente concretiza-se com a transferência de muitas famílias de agricultores sulistas, na sua grande maioria gaúchos oriundos de pequenas propriedades no Rio Grande do Sul, para ocupar as terras que mais tarde se tornariam o centro de uma crescente produção agrícola moderna, principalmente nos cerrados do Centro Oeste.

Essa é a cara dos migrantes sulistas ou seus descendentes que migram para as terras da fronteira agrícola brasileira, que deixaram suas marcas nas faixas onde ocorreram a migração e a cada dia se alargam em distintas direções, abrangendo terras de todas as grandes regiões brasileiras. Dessa maneira forma-se uma nova face do território brasileiro na qual se define por rápidas transformações tanto no espaço de produção agrícola como no espaço das cidades.

### 2.3. A MIGRAÇÃO SULISTA E A TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS AGRÍCOLAS

O espaço agrícola atual é consequência das grandes transformações tanto no aumento do volume de produção agropecuária bem como da introdução de equipamentos agrícolas de alta tecnologia com a finalidade de obter uma maior eficiência nos resultados gerais da agricultura. Assim, não se pode falar dessas grandes mudanças sem falar da contribuição do migrante sulista.

Foi através da migração sulista que a paisagem agrícola da região Centro Oeste adquire novas dimensões e novos contornos, na medida em que os espaços de uso produtivo escolhidos por integrantes dessa corrente não são os mesmos das populações locais.

Geralmente para os produtores locais, a preferência é pelas terras de fundo de vale - onde se anuncia maior presença de água - para a prática de pecuária extensiva ou produção agrícola em pequena escala em formas irregulares mesclando cultivos variados. Não se utiliza maquinários ou equipamentos mais modernos, o que se usa freqüentemente são técnicas mais antigas: enxadas, machados, arados conduzidos por animais, etc.

Ao redor dos vales situam-se as terras planas, terras essas que despertam grande interesse dos sulistas principalmente por possuírem as características que formam o quadro atual de desenvolvimento da agricultura capitalista brasileira: terrenos com topografia plana e preço baixo das terras.

Antigamente essas áreas eram utilizadas pela população local para manter o equilíbrio da comunidade rural, pois servia como lugar de caça, de pastagem para o gado de toda a comunidade, para retirada de lenha e de madeira, etc. Atualmente, na agricultura introduzida pelo migrante sulista, a cobertura vegetal é, em seu lugar, ocorre a produção das grandes lavouras, principalmente o soja, mercadoria que ganha centralidade na agricultura do Centro Oeste também com a ajuda do sulista.

A migração sulista caracteriza-se por seguir, predominantemente, o caminho do campo, compõe-se de agricultores que se deslocam para o campo com a finalidade de praticar atividades agrícolas tanto diretamente à produção de mercadorias agrícolas bem como para a comercialização de suportes para tal setor.

Ocorreram dois tipos de deslocamento na migração sulista, o que ocorreu diretamente de uma área rural para outra também rural, como aconteceu com os colonos sulistas que migraram, construindo suas moradias dentro da própria unidade de produção; em muitos casos, distante dos núcleos urbanos locais, e o deslocamento de população residente em cidades no Sul do Brasil que, nas regiões de destino, se instalou em áreas essencialmente rurais, ocorrendo assim um fluxo urbano-rural.

Porém, não ocorre nesse último caso, um processo de ruralização dessa população que vem de outros centros urbanos, e sim, um deslocamento de pessoas de uma área de urbanização mais estruturada para outra com pouca ou nenhuma urbanização.

A instalação de migrantes sulistas nessas novas fronteiras urbana posteriormente, uma nova dinâmica urbana, onde pequenas cidades existentes ou da construção de novos núcleos urbanos surgidos, normalmente, da fundação de agrovilas de agricultores sulistas a partir das quais germinam novas cidades.

Na primeira situação, as transformações das cidades são decorrentes do fluxo de migrantes sulistas que criam condições para tornar as antigas cidades em abastecedoras das novas necessidades surgidas com a ampliação da produção no campo, principalmente com a comercialização de equipamentos para atender a demanda agrícola e urbana (lojas de maquinários, de insumos agrícolas, de material de construção, escritórios de assistência técnica, restaurantes, bancos, etc.).

A segunda situação traz como resultado cidades com expressivas marcas da cultura dos colonos imigrantes. Essas novas cidades mais recente, construídas pelos sulistas, trazem algumas marcas na arquitetura das casas, no traçado das ruas, na divisão dos lotes e, até mesmo, na ocorrência de uma certa seletividade de seus habitantes.

ROCHE (op.cit. 218), ao analisar a colonização alemã no Rio Grande do Sul, identificou como uma de suas características fundamentais a repetição de certos padrões urbanos manifestados, por exemplo, nas plantas das cidades construídas por esse grupo étnico. Nas palavras do autor:

“É, sem dúvida, a planta que caracteriza as cidades pequenas do Rio Grande do Sul. Têm, todas, ruas retilíneas que se cortam regularmente em ângulos retos. Nas zonas colonizadas, a partir da segunda metade do século XIX, o desenvolvimento das cidades se caracterizou da mesma forma”.

A expansão da corrente migratória sulista e sua chegada ao Nordeste, particularmente, na parte Ocidental onde desembarcaram os primeiros grupos ainda na década de 1970 nos cerrados do Oeste baiano, teve impacto importante sobre a modernização agrícola dessa região.

Identifica-se nos cerrados nordestinos, nos últimos anos, um forte dinamismo econômico advindo da agricultura modernizada tanto da produção de grãos (sobretudo soja) e de seus derivados da agroindústria quanto do comércio de equipamentos e insumos agrícolas. Os migrantes sulistas são os responsáveis por introduzir esse modelo econômico nessa região, na medida em que foram os precursores, nos domínios dos cerrados nordestinos, da agricultura produtivista.

Do mesmo modo em que os migrantes sulistas impulsionaram o espaço agrícola independente de Barreiras. Esse recém-emancipado município representa bem o processo de construção dos espaços urbanos da fronteira, comandados pelos sulistas. Luiz Eduardo, como é denominado pela população da região, nasceu não da centralidade de uma paróquia, como estamos acostumados a verificar na história das cidades brasileiras, mas de um posto de combustível chamado Mimoso do Oeste, fundado por migrantes sulistas para servir de ponto de abastecimento e de descanso de caminhoneiros. Ao redor do posto surgiu um pequeno povoado com o mesmo nome, onde residiam basicamente famílias sulistas (os trabalhadores das empresas que se instalavam nas proximidades e os médios e grandes produtores agrícolas).

Esse núcleo expandiu-se rapidamente logo adquirindo formas de uma cidade com acumulação de poder econômico, haja vista que ali se concentrava uma parcela dos novos grupos de posse de capital. As diferenças étnico-culturais e até de poder econômico entre o

povoado de Mimoso e o município sede, Barreiras, produziram, desde os primeiros anos de existência do povoado, manifestações de emancipação.

Elas se fortaleceram na mesma velocidade em que novos investimentos de agroindústrias, de serviços e de produtores agrícolas chegavam a Mimoso, gerando maiores rivalidades entre as populações das duas localidades. Essas populações representam grupos de identidades sociais diferenciadas (HAESBAERT, op.cit.): as de Mimoso, de maioria sulista e as de Barreiras, predominantemente nordestina.

A emancipação de Mimoso do Oeste somente concretizou-se em março de 2000, quando adotou o nome de Luiz Eduardo Magalhães. A escolha do nome do recém-município foi uma homenagem ao deputado federal (morto em 1998), filho do influente político baiano, Antonio Carlos Magalhães. Atualmente o município, que se sustenta na economia do agronegócio, continua recebendo um grande fluxo de migrantes não somente sulistas, mas predominantemente nordestinos, da própria Bahia (de municípios vizinhos a Luiz Eduardo) e de outros Estados.

Desembarcam no novo município com a esperança de um emprego que, na maioria das vezes, não se concretiza, pois esse último grupo de migrantes não possui, freqüentemente, as aptidões que se deseja para que um novo morador contribua com o progresso do lugar, ou seja, um migrante que apresente as características dos sulistas: produtores com posse de capital; técnicos agrícolas; veterinários; trabalhadores com especializações que atendam as necessidades das agroindústrias; comerciantes de maquinários e defensivos agrícolas, etc.

Quando a decisão é por procurar novas terras, sem se desfazer das obtidas anteriormente, são os filhos, na maioria dos casos, que seguem deixando seus pais ou familiares cuidando do patrimônio. Os argumentos desses migrantes para partir, normalmente rumo a uma nova fronteira, são invariavelmente os de que a antiga propriedade não comportava mais todos os herdeiros ou ela já havia atingido o que se imagina seu auge de valorização; por isso a decisão de alguns ou todos os membros da família partirem para se tornarem donos de suas próprias terras ou, ainda, ampliarem o seu patrimônio. No grupo de sulistas que passaram por outra fronteira agrícola, a maioria é composta de migrantes que chega nos cerrados piauienses com capital suficiente para comprar grandes extensões de terras e para montar unidades produtoras de grãos de médio e grande porte

## CAPÍTULO III

### OS SULISTAS EM POSSE/GOIÁS

#### 3.1 – HISTÓRICO DE POSSE

Figura 1: mapa do município de Posse



O primitivo Arraial de Posse, situado abaixo da confluência do Rio Prata com o Corrente, zona campestre de magníficas pastagens naturais, foi fundado no início do século XIX, por migrantes nordestinos que fugindo da seca, vinham a procura de boas terras para o cultivo de cereais.

Nessa região, conhecida por Buenos Aires (seu primeiro nome), em homenagem aos descendentes de argentinos, uruguaios e portugueses, cuja existência é lembrada pela denominação dos cursos d'água: Rios Correntes, Prata e Porto Buenos Aires; o pastoreio, o curral, a lavoura e o engenho constituíram as bases econômicas da povoação.

O impaludismo (malária) provocou a decadência do povoado, logo nos primeiros anos de sua fundação, e a conseqüente retirada dos habitantes para a zona da chapada fronteira à Serra Geral ou das Araras, onde se formou o novo povoado de “Posse”, toponímio decorrente do “apoderamento”, da área à margem do Córrego Passagem dos Gerais, pelos primitivos habitantes.

Nazário da Silva Ribeiro, o fundador, construiu inicialmente uma capela em louvor a Nossa Senhora Santana, em torno da qual foram surgindo novas moradas, e com o rápido desenvolvimento da industrial rural, agricultura e criação de gado, o povoado passou a distrito, pela Resolução nº 11, de 24 de novembro de 1855.

Sua autonomia Municipal deu-se em 19 de julho de 1872, pela resolução Provincial de nº 485, com a nova denominação de “Nossa Senhora Santana de Posse”, mais tarde mudado para o toponímio original: POSSE.

O grande salto para o desenvolvimento de Posse foi dado com a inauguração da rodovia asfaltada BR-020, Brasília – Salvador, que passa pelo município a partir dos fins da década de 1970.

Segundo os últimos dados em 2013 o IBGE registrou os seguintes dados sobre Posse:

<b>População em 2013</b>	<b>31.419</b>
<b>Área da unidade territorial (Km<sup>2</sup>)</b>	<b>2.024,533</b>
<b>Densidade demográfica (hab. /Km<sup>2</sup>)</b>	<b>15,5 (Fonte: IBGE).</b>

### 3.2. OS SULISTAS NO MUNICÍPIO DE POSSE.

Posse foi o município do nordeste goiano que mais recebeu sulistas ao longo dos anos, no início a grande maioria veio para cá atrás de terras baratas e melhores condições de vida. Na verdade, as terras tão procuradas estavam na Bahia, estado que faz divisa com o Goiás, porém na época que a migração começou, Posse era a cidade que mais oferecia condições para que os mesmos se instalassem, mesmo que precariamente, era aqui se encontravam as escolas, mercados, hospital...

Foi uma grande mudança para as famílias pioneiras nessa migração, pois as dificuldades de adaptação eram inevitáveis, pois esse migrante, em sua maioria era descendente de imigrantes que chegaram ao sul do Brasil, e o choque cultural foi muito grande.

O clima seco assustava aqueles que chegavam no período não chuvoso, o terreno arenoso e a falta de alguns alimentos típicos do sul nos mercados da época, era algumas das dificuldades encontradas. Muitos não se adaptaram e voltaram para o sul, e a maioria desses, tiveram perdas em seu patrimônio, pois a disparidade dos preços das terras aqui e do sul sempre foi grande.

Relatos dos primeiros migrantes sulistas falam da necessidade de escolas para os filhos, pois muitos vieram e instalaram em suas propriedades, que ficavam longe da cidade, e por ser no interior da Bahia, não tinham ajuda política para isso. Falam também que o clima não colaborou para o sucesso inicial nas lavouras, pois não conheciam a temporada de chuva e seca, então tiveram dificuldade em plantar na época certa.

Tinha também a questão dos documentos das terras, o que foi um empecilho para muitos, que acabaram em voltar para suas regiões de origem, ou mudaram de ramo, trabalhando com comércio e construção civil.

Em meados do século XXI, Posse começava a se modernizar e investir mais em educação, aumentou a oferta de empregos, de escolas de Educação Básica bem como de Institutos de Nível Superior, tudo isso devido a grande demanda populacional que ao longo dos tempos vem crescendo devido a grande quantidades de migrantes tanto do sul como de outras regiões que encontram aqui um lugar de melhores condições de vida, cidade pequena com nível de cidade grande, como dizem por aqui, “tudo aqui o que se planta dá”, ou ainda” quem bebe da água de Posse, jamais esquecerá”.

### 3.3. REPRESENTANTES SULISTAS EM POSSE.

Clarindo Thomazzi

Figura 2: foto do senhor Clarindo e esposa



Fonte: Francisca Ezilda, 2013.

O senhor Clarindo Thomazzi chegou em Posse com sua família na década de 80 juntamente com várias outras famílias para fundar uma associação chamada Vereda do Oeste, localizada no município de Jaborandi, estado da Bahia. No início encontraram muitas dificuldades, pois não tinham ajuda política e financeira, em suas propriedades não havia construções nem saneamento básico, as estradas eram apenas “picadas” com difícil acesso.

As famílias, acostumadas a ter certo conforto no sul, tiveram que se adaptar sem água encanada e energia elétrica, sem contar que não conheciam o clima da região, muitas crianças adoeciam e longe dos hospitais, aos poucos foram conhecendo os remédios do cerrado, com a ajuda de um agrônomo que chegou para auxiliá-los.

Tiveram que aprender vários outros serviços, pois através de mutirões começaram a construir suas casas, galpões, enfim, fazer o necessário nas fazendas, pois era um lugar muito longe para se conseguir mão de obra, e as condições financeiras na época não era das melhores.

Com a chegada de um padre italiano, começou a ter algumas mudanças, pois através dele tiveram acesso a órgãos em Brasília para conseguir o documento das terras e alguma ajuda financeira, porém logo o padre faleceu e novamente ficaram sem ajuda.

Muitos desses gaúchos voltaram para o sul por todas essas dificuldades, outros mudaram-se definitivamente para a cidade de Posse e foram trabalhar em áreas como a construção civil e comércio, principalmente o de insumos agropecuários e peças em geral.

Loira Terezinha Drescher de Sousa

Figura 3: foto da professora Loira e família



Fonte: Francisca Ezilda, 2013.

A professora Loira, como é conhecida chegou em Posse também na década de 80, mais precisamente em 1984, ainda criança, juntamente com seus familiares com intuito como todos de crescer financeiramente através do cultivo do soja nas lavouras, como todos os sulistas que na época chegaram aqui.

Formou família aqui, casada com um típico goiano, teve toda sua formação profissional também aqui no município de Posse, em um dos primeiros cursos de Pedagogia bem como de Ensino Superior trazido pela Universidade Estadual de Goiás para a cidade.

Segundo a professora Loira, na época em que chegou aqui, o Estado de Goiás, precisamente a região de Posse era um abrigo e celeiro de muitas oportunidades, seja na agricultura, trabalho público e comércio. Destacando-se principalmente a agricultura nas campinas localizada nas terras da Bahia, próximo a Posse.

Acredita ainda que em geral, ambos foram beneficiados, tanto os gaúchos como os goianos, devido à troca cultural, novas maneiras de administrar, e por outro lado, terras férteis, progresso a vista em todos os setores, transformando e completando o ciclo migratório.

Alvori Corrêa de Lima

Figura 4: foto do senhor Alvori e esposa



Fonte: Francisca Ezilda, 2013.

O senhor Alvori chegou a Posse na década de 90, como todos os outros para trabalhar nas terras da Bahia, porém devido a todas as situações já descritas pelos outros entrevistados, largou a lavoura e investiu no comércio de Posse.

Atualmente ele é o proprietário da Alta Papelaria, situada no centro de Posse. Conta que a maior dificuldade que enfrentou foi a questão de escolas para os filhos, e principalmente a falta de qualidade na saúde pública bem como a distância aos grandes centros para tratamento, uma vez que enfrentou esse drama em sua família.

Diz também que na época em veio para cá era mais fácil conseguir melhores condições de vida investindo no comércio local, que era precário e tinha várias oportunidades de negócio.

Amaro Martins Coelho

Figura 5: foto do senhor Amaro e família



Fonte: Francisca Ezilda, 2013.

O senhor Amaro também chegou em Posse no final da década de 80, porém com intuito diferente, nunca trabalhou em lavoura mas sim no comércio local. Veio a Posse a convite de um amigo para trabalhar em loja que vende maquinário para lavoura, atrás de melhores ofertas

de emprego e crescimento profissional. Constituiu família aqui, e não pretende voltar a morar no sul do país.

Anderson José Toniazzo

Figura 6: foto do senhor Anderson



Fonte: Francisca Ezilda, 2013.

O senhor Anderson chegou a Posse na metade da década de 90 com seus pais para plantar nas campinas da Bahia, em terras alugadas já preparadas para o plantio, pois a maioria dos migrantes que chegavam aqui compravam terras ainda com a cobertura natural.

Casou-se e constituiu família com Renata, filha de possenses e atualmente está engajado com a política local, trabalhando em órgão público como secretário de infraestrutura e ajudando na administração do negócio da família, no aluguel de equipamentos agrícolas e terra planagem.

## Centro de Tradições Gaúchas em Posse/GO

Figura 7: CTG/Posse/GO



Fonte: Ezilda, 2013.

Uma das festas tradicionais sulistas são os bailes com os tradicionais grupos gaúchos que acontecem pelo menos duas vezes ao ano, geralmente no Clube Aliança ou no Distrito de Rosário.

Assim, no ano de 2012, foi fundado em Posse, o CTG 100 Fronteiras, com o intuito de preservar as tradições trazidas pelos migrantes gaúchos, para que a nova geração que nasceu aqui tenha a oportunidade de conhecer e conviver a cultura gaúcha.

Figura 8: Grupo de músicos sulistas



Fonte: Ezilda, 2013

Figura 9: primeira comissão do CTG 100 Fronteiras



Fonte: Ezilda, 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilidade da população brasileira sempre recebeu preocupações dos estudiosos sociais e com razão, haja vista a importância dos fluxos de trabalhadores na formação desse território. A construção do Brasil, ou de qualquer outro país que serviu de base para extração de riquezas enviadas ao centro do sistema, se fez com a participação de grupos sociais determinados, eleitos os protagonistas explorados de acordo com suas condições sócio-demográficas, que comandam a produção de mercadorias em momentos e lugares também determinados.

Nesse sentido, o capital forma estoques de mão-de-obra aproveitados em situações adequadas para a sua reprodução. Assim, os indígenas e os negros africanos tornaram grupos importantes explicitamente mobilizados pelo território brasileiro nos primeiros séculos de sua colonização. Apesar da não condição de escravos, os europeus também foram mobilizados e construíram sua história no processo migratório brasileiro. É desse último grupo que descendem os atuais migrantes sulistas, sobretudo da geração que colonizou o sul do País a partir do século XIX.

É do sul do Brasil que, ainda no século XIX, se forma a principal corrente migratória de agricultores que se expande, num movimento contínuo, em direção às terras ao norte, ultrapassando, inclusive, as fronteiras do território brasileiro. No século XX, sobretudo, pós década de 1960, esses migrantes serão aproveitados estrategicamente A Mobilidade Sulista e a Expansão da Fronteira Agrícola Brasileira, pelo Estado para tornar os agricultores modernizados com quais se pretendia formar a fronteira agrícola brasileira. Esse modelo se concretizou e o migrante sulista representa hoje, no imaginário da população das áreas de fronteira, o agricultor que comanda a modernização do espaço agrícola brasileiro haja vista que se apóia em técnicas modernas para a produção de grãos, frequentemente em larga escala e para exportação.

Por um lado, a corrente sulista é responsável por tornar viável a agricultura produtivista contribuindo, assim, para aumentar o volume das exportações brasileiras e, ao mesmo tempo, levar técnicas modernas de produção aos espaços antes carentes desse tipo de modernização. Por outro lado, essa corrente é representante de um modelo econômico excludente, na medida em que com a sua chegada as outras formas de produção da vida que existem nos locais praticamente se anulam, como por exemplo, os espaços de vida camponês. Isso porque essa migração impõe o ritmo de produção do tempo capitalista ao mesmo tempo

em que monopoliza o espaço para obtenção de mercadorias a serem lançadas no mercado. Não há, portanto, lugar para quem não possui as habilidades para lidar com as leis do capital; os migrantes sulistas da fronteira agrícola conseguiram se adaptar a elas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Vicente E. L. – **Formação Territorial Sul Piauiense: Modernização Agropecuária e Resistência Camponesa**. São Paulo, FFLCH-USP. Mestrado, 2000.
- DINIZ, José A. F. – “**Modernização e Conflito na Fronteira Ocidental do Nordeste**”. **Revista Geonordeste**, ano I, no. 1, Aracaju, 1984. pp.12-20.
- GAUDEMAR, Jean P. – **Mobilidade do Trabalho e Acumulação capitalista**. Lisboa, Editora Estampa Ltda, 1977.
- GIORDANO, Samuel R. – **Competividade Regional e Globalização**. São Paulo, FFLCHUSP. Doutorado, 1999.
- HAESBAERT, Rogério – **Des-Territorialização e Identidade: A Rede Gaúcha no Nordeste**. Niterói/RJ, EDUFF, 1997.
- \_\_\_\_\_ - “**Região e Redes Transfronteiriças em Áreas de Migração Brasileira nos Vizinhos de Mercosul**”. In: STROHAECKER, T.M. [et. al.] (orgs.) – **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre, AGB (Seção Porto Alegre), 1998. pp.59-68. LEO, Waibel – **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**.
- MARTINE, George – “**A Evolução Espacial da População Brasileira**”. In: AFFONSO, R. B.A. & SILVA, P.L.B. (orgs.) – **Federalismo no Brasil: Desigualdades Regionais e Desenvolvimento**. São Paulo, Fundap/Ed. Unesp, 1995.
- OLIVEIRA, Arioaldo U. de – “**Território e Migração: Uma discussão Conceitual na Geografia**”. **Conferência Proferida no Simpósio Internacional “Migração: Não, Lugar e Dinâmicas Territoriais”** – DG/USP, UGI. Abril de 1999. (Texto mimeo).
- OLIVEIRA, N. & BARCELOS, T.M. – “**Fronteiras no Mundo Globalizado: o Fim dos Limites?**”. **Indicadores Econômicos, FEE**, v.27, no.2, Porto Alegre. Set.,1999.
- PAIVA, Odair da C. – **Caminhos Cruzados: A Migração para São Paulo e os Dilemas da Construção do Brasil Moderno nos anos 1930/50**. São Paulo, FFLCH-USP. Doutorado, 2000.
- PRADO JR., Caio - **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- ROCHE, Jean – **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969.
- SALIM, Celso A. – “**Migração: o Fato e a Controvérsia Teórica**”. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais, vol.3, São Paulo, ABEP, 1992. pp.119-144. **A Mobilidade Sulista e a Expansão da Fronteira Agrícola Brasileira**, pp. 40-68 68

SANTOS, José V. T. dos – **Matuchos: Exclusão e Luta – do Sul do Brasil para a Amazônia**. Petrópolis, Vozes, 1993.

SANTOS, Milton – **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993.

VELASCO, Miriam M. – **Descentralização e Política Urbana em Municípios de Porte Médio: os casos de Alagoinhas e Barreiras na Bahia**. São Paulo, FAU-USP. Doutorado, 2004.

ANEXOS:

### 3.4. QUESTIONÁRIO APLICADO

1- Qual o motivo para a migração para o município de Posse?

- novas oportunidades de trabalho
- crescimento econômico
- terras mais baratas

2- Quando chegou aqui começou trabalhar em quê?

- comércio
- emprego público
- lavoura

3- Se for em lavoura:

- terras próprias
- terras alugadas
- empregado no setor agropecuário

4- Tinha terras no sul:

- sim
- não

5- Viemos casados (a):

- sim
- não

6- Como surgiu a oportunidade de vir para Posse

- através de outros familiares
- através de amigos
- outras fontes

7- Qual a principal dificuldade que encontrou quando chegou em Posse?

-----